

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO VI—Número 11.722
Domingo, 6 de Julho de 1924
PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE — 5339-C
Officina de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

URGE QUE OS OPERÁRIOS
INJUSTAMENTE ENCAR-
CERADOS SEJAM POSTOS
EM LIBERDADE

PONHAM EM LIBERDADE OS OPERÁRIOS INOCENTES!

Uma república que acarinha banqueiros e moageiros não têm o direito de conservar na cadeia os trabalhadores, as vítimas desses ladrões de casaca que chegam a ter representação no governo e no parlamento!

A COMEDIA POLITICA

O que se tem passado com a crise ministerial seria o suficiente para cobrir de ridículo os interesses desta picaresca comédia que se está representando, se houvesse entre os políticos o sentimento das situações grotescas. O ministério que se procurou organizar, com um ministro das finanças que se ofereceu, ministério à Paulo de Kock, como o designou impressivamente um republicano, é tudo quanto pode conceber-se de deficiência mental e de ignorância audaz.

Proclamaram os políticos aos quatro ventos a necessidade de constituir um ministério capaz de resolver a situação económica e levar o país à felicidade; arriaram para isso com o governo Alvaro de Castro de cangalhas e foram bater à porta de Afonso Costa que, como de costume, mandou dizer que não estava em casa. E afinal, depois disto, chegaram a pensar em resolver a crise organizando um ministério de terceira ordem, com o refugo dos políticos sem idéas nem coação intelectual.

Não significa tudo isto que o partido democrático, o tal baluarte da República, começa já a agorizar e a considerar-se impotente para a vida pública? Não representa tudo isto a liquidação miserável da burguesia republicana, incapaz de encarar directamente os problemas e resolvê-los? Parece-nos que não pode tirar-se outra conclusão da análise imparcial dos acontecimentos.

O facto não nos pode ser indiferente. Não queremos nenhuma espécie de cooperação na vida do Estado e combatemos todas as tentativas que se façam para levar o operariado a maneios eleitorais ou à sua intervenção em funções de autoridade. Mas isto não quer dizer que nos fiquemos

absolutamente alheados ao que se passa nas regiões do poder. E' que nós sabemos, de há muito, quanto pesa sobre nós a pressão da autoridade, quando os que mandam são criaturas ininteligentes e intolerantes. Sem apoiarmos governos, nem concorrermos para lhes proporcionar quaisquer facilidades, evidentemente preferimos que a república se inspire num espírito moderno, progressivo, conciliador, do que se conserve tomosamente num autoritarismo feito de violências, de perseguições, de ódio contra a liberdade.

Não que uma situação política radical possa satisfazer-nos e, por ventura, entibiar a nossa rebeldia natural contra as injustiças sociais, pois sabemos que todos os expedientes da burguesia não passam de meros paliativos; mas porque estamos convencidos de que essa política de transição, preparando e dispondo a opinião burguesa para a inevitável transformação social que é hoje a aspiração de todo o mundo, em muito contribuirá para atenuar o aspecto catastrófico da revolução social, evitar que ela se torne uma rancorosa explosão de vinganças e de retaliações, e ao mesmo tempo proporcionar o concurso dos elementos técnicos, dos intelectuais, à obra a realizar no futuro, pela socialização de todas as indústrias.

Não parece querê-lo nem entendê-lo assim a burguesia republicana, insistindo na atitude de conservantismo imbecil, de alheamento da hora que passa. Que se não admire depois, se tiver de vir a defrontar-se com a cólera das multidões, que a sua incompetência, a sua falta de tacto, levarão a mais pavorosa miséria, e a que recusavam os mais elementares direitos de qualquer ser humano.

"Isto é deles"

O Mendonça do Banco Ultramarino rouba e manda prender os roubados

Os leitores não conhecem o sr. Henrique José Monteiro Mendonça? E' pena. Mendonça é um cavalheiro que, como muitos, descobriu de maneira pouco explicável, uma considerável fortuna em São Tomé.

Hoje é director do Banco Nacional Ultramarino.

Esse cavalheiro, segundo acabam de nos contar, está há 15 anos indevidamente na posse duma roça pertencente a D. Joaquim de Menezes. Pretende esta senhora que a referida roça volte às suas mãos, com o que o sr. Mendonça não está de acordo.

Mas a questão da propriedade é, quanto a nós, o menos importante. O mais importante é que define o carácter do Mendonça e o que vamos resumidamente contar.

Ao cabo de muitas instâncias, acedeu o sr. Mendonça em apressar uma entrevista com a referida senhora, seu genro António Fernandes da Silva e o sr. Jaime de Macedo. Quando estes últimos compareceram no Banco Ultramarino, para se entrevistarem com o capitalista em referência, foram recebidos pela policia que os levou para os calabouços do governo civil, obrigando a referida senhora a dar entrada no calabouço das prostitutas.

Esclarecido o caso foram aqueles restituídos à liberdade, ao cabo de cinquenta e tantas horas de prisão.

Como se vê um qualquer financeiro Mendonça que fez misteriosamente fortuna a negociar pretos, manda meter na cadeia as pessoas a quem rouba.

A história da fortuna do sr. Mendonça é muito curiosa.

E nós ainda havemos de contá-la um dia...

A favor

— DE —

A INTERNACIONAL

Grande Excursão Fluvial à vila de Azambuja, com escala por Vila Franca de Xira. Realiza-se no dia 13

Previne a comissão organizadora desta excursão, que em virtude de informação errada prestada a esta comissão, sobre a diferença entre a hora do praiar na barra e a hora do praiar na Azambuja, é esta comissão forçada a adiar a data da excursão para o próximo domingo 13 do corrente.

Todos os camaradas possuidores de bilhetes, a quem a transferência de data cause transtorno, podem reclamar a sua importância, na sede do Núcleo Sindicalista Revolucionário, Calçada da Graça, 12.

PONTAS DE FOGO

No comício de domingo — Faz oito dias agora — A quem, em ar de respiro, afirmou, com voz sonora, Coisas que no Mal destino.

Indo um pouco mais além — Não concepo, sem vaidade, Opino que o mesmo alvoroço, Faltando em tudo a verdade, Não é um homem de bem!

Pois, quem, assim o não fosse, Ousaria de gritar — Contra o regime tão dóce — Que o povo veio libertar — D. Monarquia d'alcoice?

Não é porventura a Guarda Republicana a autora Do bem estar, do Zé, em barda? E a policia a protectora Que lhe dá o pão e... malsarda?

Portanto, povo, protesta — Contra estes alvoroços infarrão — Que teve a ideia mela — De te dizer que a Nação Com tal regime não presta.

Bemvindo BENEY

AS GREVES

Operários Metalúrgicos — Prossegue no seu movimento pró-aumento de salário o pessoal da oficina metalúrgica de Joaquim Domingos & C.

Embora a tomosia dos sócios desta firma vá prolongando o conflito, constatada por parte dos grevistas a inabastável decisão de não retomarem o trabalho enquanto não forem atendidos na sua insignificante reclamação de 15 cts. sobre os salários.

O sócio gerente, sr. Joaquim Domingos, que persiste em só conceder 10 cts. presta-se ao ridículo papel de escutar um operário que não duvidou em trair os seus camaradas, em servir por forma tão repulente de joguete nas mãos dos roedores, que assim — mas inutilmente, aliás — procuram desmoralizar as fileiras proletárias.

O que todos devem saber... Chico, Zecas & C.ª Fotografia artística Clichê de António dos Santos

COMO SE ARMOU A CILADA DOS OLIVAIS

O inventor do suposto "complot" suicidou-se há dias no governo civil—Uma carta que lança muita luz sobre os antecedentes daquele sangrento caso

Não é nosso hábito publicar cartas anónimas. Abrimos hoje, porém, uma excepção, dada a gravidade que a carta que a seguir publicamos reveste, e ainda porque lança um pouco de luz sobre um caso interessantíssimo.

Eis a carta:

Sr. redactor.—Os jornais publicaram há dias uma notícia insignificante, que passou despercebida à maioria da população, mas que representava o epílogo duma das maiores tragédias que têm ferido a opinião pública nestes últimos tempos.

A notícia alludida ao suicídio dum tal Francisco dos Santos Conceição, auxiliar da policia da segurança do Estado.

Para me certificar se esse cavalheiro, o suicida, era, de facto, quem eu pensava, fui, embora a custo, vê-lo à Moura. Era, de facto. Lá estava todo condisso—devia ter tido uma morte horrível—o rosto transfigurado, manchado de sangue. Era ele, de facto.

Não sabe quem é esse Francisco dos Santos Conceição? Era um rapaz novo que appareceu há uns dois anos, afirmando-se, avançado. Em Estremoz, de onde é natural, fundou um núcleo de juventude sindicalista. Porém, o seu estylo moral estava longe de corresponder à nobreza das intenções que preside à organização desses núcleos de jovens.

Ele apenas via a questão social pelo lado da violência—não a violência activa própria das almas sensíveis que se revoltam ante as injustiças—mas a violência estreita que, longe de encerrar intenções nobres de luta e sacrificio, se reduz à expansão feroz do banditismo repugnante.

Esse homem, sem idéas, vendeu-se à policia e para junto desta mostrar que conhecia segredos terríveis de supostas legiões vermelhas, dedicava-se à tarefa vil—fingindo-se revolucionário—de incitar vários camaradas à prática de violências, no intuito de denunciá-los depois, prestando assim fantásticos serviços à policia, que ingenuamente lhos pagava.

Quando se passou em si guida sabem-no já os leitores de A Batalha. A policia falsamente informada de que os pobres rapazes pretendiam praticar um atentado, foi surpreendida precisamente, na ocasião em que, devido a anterior combinação, esperavam naquele local um automóvel que, segundo lhos prometera o traidor, os levaria para sítio onde estariam mais recatados, e livres das perseguições policiaes.

O encontro foi o horror que toda a gente conhece.

A tragédia dos Olivais foi uma horrível consequência dos maneios desse homem que depois se executou por suas próprias mãos.

Soubes Francisco de Santos Conceição, que nos Olivais, devido às últimas perseguições, se encontrava refugiado em Pinheiro. Mostrou interesse em falar com eles e como ninguém suspeitava então que ele pertencesse à policia, indicaram-lhe o local onde se encontravam.

Entrou logo esse cavalheiro em tentar aliciar esses malogrados jovens para um complot que liquidaria várias pessoas, entre ellas o sr. Castanheira de Moura que tinha uma fábrica de Mosagem nos Olivais. Recusaram-se sempre terminantemente a aceder aos seus rogos. E entre vários camaradas começou a brotar a desconfiança duma traição.

Um dia, em conversa, alguém citou ao suposto revolucionário o atentado que vitimou o traidor António Duarte. E os que o rodeavam notaram que Santos Conceição se fizera subitamente duma palidez mortal, mas não ligaram importância a esse pormenor.

Como não conseguisse convencer os referidos operários, resolveu então inventar um complot. Supõe-se que teria mentido como um cão e que a policia o acreditou. Dava-se a coincidência da queda dos operários se encontrarem refugiados nos Olivais, de forma que a policia facilmente acreditou que estavam naquela localidade, não fugidos, mas na intenção de assassinar o já mencionado moageiro.

O que se passou em si guida sabem-no já os leitores de A Batalha. A policia falsamente informada de que os pobres rapazes pretendiam praticar um atentado, foi surpreendida precisamente, na ocasião em que, devido a anterior combinação, esperavam naquele local um automóvel que, segundo lhos prometera o traidor, os levaria para sítio onde estariam mais recatados, e livres das perseguições policiaes.

O encontro foi o horror que toda a gente conhece.

Após a catástrofe, as pessoas que conheciam o Santos Conceição começaram a ligar certos factos, que, dispersos, nada significavam, mas juntos, lançavam terríveis suspeitas sobre esse homem. Em breve se soube que ele fazia, de facto, parte da policia da Segurança do Estado, tendo o seu nome sofrido uma ligeira modificação nos registos policiaes—era Francisco Nicolau da Conceição.

Soubes-se também que foi ele, o Santos Conceição, que arremessou contra um urinol da avenida da Liberdade, uma bomba e deixou no local um cartão escrito em espanhol—tudo um film armado pela policia para estabelecer o terror e a atmosfera propicia a represões iníquas.

Soubes-se também que muitos dos operários foram por ele denunciados.

O porte moral desse Santos Conceição era repugnante. Pouco tempo antes do caso dos Olivais, como seu pai tentasse dissuadi-lo de ter relações com a policia e de desempenhar-se de lam baixas missões, o Conceição ameaçou-o. Em breve o Santos teve conhecimento de que a sua traição fora descoberta. Parece que, realmente, lhe enviaram cartas anónimas, ameaçando-o. Começou então o seu desassossego. Entre a própria policia era um tolerado e tinham-lhe asco. Teria percebido então que os traidores só merecem o ódio de quem traem e o nojo de quem servem. Era fácil que alguém vingasse as vítimas que causava com a sua acção nefasta. E para furtar-se a uma morte dolorosa, a qualquer esquina, suicidou-se.

Não faz mais vítimas. Entretanto, a história desse homem merece publicidade. Outra vantagem que não tenha, ensina, pelo menos, aos que pensem em ser traidores, que a baixaria da alma desses seres infames é tão degradante, que pode levá-los ao extremo—à destruição da própria vida.

Agradece a publicação desta carta, o espelho da verdade, o que, devido à gravidade das revelações, apenas se pôde assinar, por enquanto,

Assíduo leitor

VIOLÊNCIAS & ARBITRARIEDADES

Alguns soldados já saíram de Silves, mas o chefe, o tenente Vinhas, ainda tirou—Os operários têm sido provocados pela tropa

DESEJARÁ O GOVERNO MAIS FUSILAMENTOS?

SILVES, 4.—Lavra entre o povo a mais viva indignação, os mais justos reparos contra o facto do ministro do Interior ter mandado apenas afastar desta cidade os guardas que fusilaram o povo, continuando a manter à frente do comando o tenente Vinhas, quando o ferido Manuel dos Santos, com uma bala no peito, afirma a todos que o visitam ter sido o tenente Vinhas quem o feriu, o que várias testemunhas presenciaes confirmam, acrescentando que mais tiros de pistola fez contra outros indivíduos.

O tenente Vinhas, comandava, ou não comandava a força? mas sendo facto incontestável que comandava, e em face do testemunho dos que presenciaram a sangrenta carnificina, e servindo-nos do valioso testemunho do deputado dr. sr. Mealhães, testemunha presencial que no Parlamento afirmou entre outras coisas conforme A Batalha em seu número 1718 relatou o seguinte: não houve a menor provocação da parte do povo. A guarda encontrava-se já em pontos estratégicos disposta de certo a cometer as barbaridades que cometeram.

«Um gesto do tenente Vinhas fez imediatamente uma descarga que causou grande pânico, pondo o povo em debandada.

«Julguei no mesmo instante que fora feita para o ar.

«Calcule o meu espanto quando vejo saírem do chão crianças ensanguentadas e não contentes com a facanha, a cavalaria carregou em seguida espadeirando as cegas os que persistiam ficando para os lados da estação».

Dezenas de pessoas assistiram a esta barbaridade de que ficou morto um operário que deixa seis filhos e viuva. Porque não se afasta também o mi-

nistro do interior do comando o tenente Vinhas se assim o exige o prestigio da República, a moral, e a justiça escandalizada?

Não é lícito proceder contra os pevos, deixando os grandes impunes? Já é tempo de lavar um pouco de escrúpulos, um pouco de decôr. Finalmente para prestigio de todos nós, deve proceder de olhos cerrados e lei na mão.

A guarda continua provocando operários; uma noite destas indo um operário de nome Jacinto Rosa buscar um cântaro de água, à chamada rosa, lugar um pouco distante da cidade, ali appareceram dois sargentos; um de cavalaria e outro de infantaria; o de cavalaria tirou-lhe violentamente o balde da mão com que aquele enchia o cântaro, bebeu e deu de beber ao colega; e voltando-se para o operário, disse-lhe: «isto para vêr se lhe podia dar com o balde na cara».

Há disto testemunhas. São estes os encarregados da manutenção da ordem? Já no dia da tragédia, um guarda conhecido pelo «Libra» foi junto do Sindicato Corticeiro insultar e desafiar para a rua em altos gritos de espargam em punho os operários que ali se encontravam.

Não é por estes processos, sr. ministro, que a guarda se pode impôr para manter a ordem. A continuar, teremos ainda a lamentar algum conflito grave e que só a guarda dá causa com as suas persistentes provocações como se estivesse em país conquistado.

Urge pôr termo a estes desmandos, substituindo sem perda de tempo a guarda por forças regulares do exercito que melhor saberá fazer respeitar a ordem, respeitando. Tal como até aqui, não pode nem deve continuar.

Sobre o incidente Vinhas—Dr. Me-

alha, devemos dizer que esse incidente é apenas um truque que visa dois fins: primeiro, conseguir enfraquecer o valioso testemunho do dr. Mealhães. Segundo, desviar a atenção do operariado local da tragédia de que foi vítima.

Mas nada conseguimos. O operariado conhece já de sobejo os maneios da claqué politico-democrático-industrial-dandis & C.ª Ld.ª, que não neteu em linha de conta que houvesse alguém com imparcialidade, coragem e independência de carácter necessária para protestar contra a repugnante farsa.

E daí os truques que já não pegam. O operariado já distingue bem os seus inimigos ou defensores, dos seus algozes. Por mais que estes se mascarem.—C.

Um alvitro que merece ser posto em prática

OLHÃO, 4.—Reúniram a convite da U. S. O. desta localidade todas as classes trabalhadoras, na sede do Sindicato Único Metalúrgico, em sessão magna para se protestar contra os acontecimentos de Silves. Presidiu Augusto dos Dóres Sousa e secretariaram Manuel Teodoro e Virgílio Tavares. O secretário geral da U. S. O., Augusto César da Silva, narra minuciosamente a tragédia de Silves e ao chegar à altura da sua prisão, o orador foi interrompido, derivado à indignação do povo, que exclamava: Pafel! Assassino! E os protestos energicos do povo trabalhador, pareciam não ter fim. O orador, terminou afirmando que os assassinos precisavam de ter desculpa para os seus crimes por isso o prenderam.

Alvaro Gouveia, da U. S. O. atacou duma forma geral, a constituição da sociedade burguesa. Encadeada por com-

Os encarcerados da Trafaria

Se os homens da república fivessem vergonha já tinham posto em liberdade, as inocentes vítimas de uma iniqua repressão

Os operários que se encontram encarcerados na Trafaria, parecem estar esquecidos, por parte das entidades que os mandaram prender. Pois a iniquidade praticada, se por ventura se tornou leve, a ponto de se volatilizar da tua consciência que a determinou, ainda nem um momento esqueceu o operariado. Do norte ao sul do país, em continuas reuniões e comícios que se têm realizado, são recordados, com grande indignação em energicos discursos, vivamente apoiados por assembleias frementes. Inúmeros telegramas em que se protesta contra a iniquidade cometida e se reclama a liberdade dos operários, têm sido dirigidos ao governo demissionário de todos os pontos do país.

Não é só aos trabalhadores de todo o país que a tremenda iniquidade de que são vítimas os encarcerados da Trafaria, é recordada.

Há muitas pessoas que nem um só dia se esquecem do que, há longo tempo, se encontram privados da liberdade. Essas pessoas são as mães, as mulheres e as irmãs dos presos. São as famílias que viviam da actividade dos aeres que lhe foram brutalmente arrancados ao seu convívio. Essas criaturas têm atravessado inúmeras vezes o rio, para poderem, através dumas grades, contemplar aqueles que eram o seu apoio, e a quem estão unidos pelos laços afectivos que, sendo os mais respeitáveis, são até indiscutíveis.

A feroz repressão de que esses operários foram vítimas, lançou a dor e a miséria em muitos lares. Que vantagens se tirariam de, em dezenas de lares, não haver um pouco de alegria, e de lhes faltar quasi cotidianamente o pão?

Já aqui o dissemos e voltamos a repetir-lo: a sociedade não se prestigia, atingindo inocentes e lançando na dor e na miséria a família desses inocentes. Andam, neste tortuoso momento, muitos inculcados, em grandes roubos, em grandes escândalos, em grandes negociações, a solta. Não se justifica que essa justiça que deitar andar à solta os que atentam contra o bem estar e contra a tranquilidade do país, e que se encontram presos operários que nenhum delicto praticaram.

Esta desigualdade de tratamento é flagrante e origina um grande desconforto entre a classe trabalhadora.

Nos Olivais, fez-se uma chacinha cobardíssima, que allem agravou-o facto de se terem fusilado operários depois d'elles estarem presos. Em Silves disparou-se, não sobre uma manifestação, mas sobre um grupo de famílias, no qual eram em maior número, as mulheres e as crianças. Os autores destes crimes não gozam de impunidade como um dos membros do governo que actualmente se encontra demissionário,

teve o cinismo de declarar que não tinha conhecimento das circunstâncias em que eles se praticaram e que também não podia sair dessa espessa ignorância por falta de verba para mandar proceder a um inquérito.

Esta situação não pode prolongar-se por muito tempo. Não é impunemente que se fusilam operários, que se dispersam barbaramente sobre crianças. Não é impunemente que se prendem operários e se mantêm arbitrariamente a sua detenção por tempo indeterminado.

Repetidamente aqui o temos afirmado: os operários que se encontram no presidio da Trafaria não são autores de nenhum delicto, nem nenhuma responsabilidade lhe pode ser imputada, de perto ou de longe, directa ou indirectamente, em qualquer acontecimento.

O motivo que obedece as suas prisões, foi como se sabe, um atentado praticado contra um moageiro, atentado de resto se malograra, pois que o alvo, ando passando pelo estrangeiro, se e escorreio, divertindo-se e gozando de dinheiro arrancado à miséria e à saúde dos consumidores.

Prenderam-se operários para dar uma satisfação à omnipotência da moagem que entendem necessária uma repressão que atinge os operários porque alguns tiros de revolver foram disparados contra um dos cúmplices na sua obra de crime e roubo. A maneira como essas prisões foram feitas é de todos conhecida. Foi-se buscar operários que já tinham sido presos mais vezes por delictos que só existiram na imaginação das autoridades.

Isto ainda mais vem provar a violência praticada. Significa a repetição absurda de perseguições exercidas sobre os mesmos operários que há anos agozados, ando passando pelo estrangeiro, se e escorreio, divertindo-se e gozando de dinheiro arrancado à miséria e à saúde dos consumidores.

A pesar-de há tempos se encontrarem operários na Trafaria, a policia ainda não conseguiu formar contra nenhum, qualquer espécie de inculpação.

A prova irrefutável da inocência dos presos está dada por parte daqueles que são os responsáveis das suas detenções. Não se compreende pois a demora havida em restituír à liberdade operários cuja inocência já está insosfismavelmente reconhecida.

As visitas aos presos da Trafaria são das 13 às 15 horas, sendo o embarque no Terreiro do Paço às 12 horas no gazolão.

Ferrovários perseguidos — Sobre a situação dos ferroviários Joaquim Caetano dos Santos e José Augusto Monteiro, presos arbitrariamente nas linhas do Sul e Sueste, voltou hoje a confrear com o director da Policia

INQUILINOS E SENHORIOS

290 pessoas em risco de serem desalojadas das barracas que habitam e que são sua pertença!

Há pouco mais de dois anos, algumas pobres famílias que lutavam com a falta de habitação souberam que nos terrenos designados por Bairro de Belém, às Laranjeiras, e que são pertença da Companhia de Bairros Urbanos se alugava terreno para edificações leves. Fazendo o máximo de sacrifício, essas famílias conseguiram construir umas modestíssimas barracas, onde passaram a habitar.

De então para cá foram-se construindo mais, fazendo hoje um total de 54 que abrigam 290 pessoas.

Os alugueres de terreno têm sido transaccionados com os srs. José Rodrigues de Almeida, Adolfo Fernandes e Emilio Santiago, que os proprietários das barracas supunham devidamente autorizados pela Companhia, mas que foram intimados por esta a despejar o local até ao dia 6 de Junho, sob pena de lhes ser movida uma acção judicial por burla.

O caso assombrou os pobres moradores do bairro, que procuraram imediatamente a Companhia, para a fazer sciente da maneira como fora transaccionado o aluguer dos terrenos e mostrar a situação horrível em que ficariam se fossem obrigados a abandonar o bairro, visto que as barracas, cuja edificação tanto sacrifício lhes custou, não são coisa que possa transportar-se para outra parte e a crise de habitação continua insólvel.

Em face do exposto a Companhia resolveu prorrogar por mais um mês o prazo do despejo, o qual termina hoje, e fez ver mais uma vez aos reclamantes que haviam sido burlados pelos indivíduos com quem transaccionaram.

Vereámos como solucionaria a justiça alinaleste estranho caso, que está ameaçando afogar para a rua 290 pessoas, entre as quais muitas crianças.

Uma torpeza

Da direcção da Academia Recreativa de Brago de Prata, com sede na rua Viçoso Formoso, 181 e 183 receberam com pedido de publicação o seguinte que é bastante edificante:

Sr. director do jornal A Batalha. — Lisboa. — O caso que vamos referir se não fosse pouco para quem assina estas linhas, em nome dum colectivo, daria azo a uma bela comédia passada na aldeia na qual não faltavam nem a autoridade local nem os respectivos comparsas. Porém, atendendo a que estamos na capital dum país civilizado e porque nos sentimos atingidos por uma torpeza sem nome, vimos pedir um cantinho do vosso conceituado jornal a fim de expormos o caso de modo claro e dramático, para que se saiba a verdade e para que se saiba a torpeza que se praticou.

A Academia Recreativa de Brago de Prata estava instalada na rua Vale Formoso de Baixo, numa propriedade antigamente de Eduardo Costa Guerra contestada hoje pelo sr. Ricardo dos Santos, por motivos que desconhecemos. A nossa instalação data de há mais de 5 anos e foi autorizada pelo mesmo sr. Ricardo dos Santos. A contestação feita por este da propriedade que Eduardo Costa Guerra diz ser dele está entregue

pleto, o militarismo, afirmando que ele, e especialmente a Guarda Republicana, devem ser desarmadas, para o sossego e tranquilidade do povo. Dizem os governantes ser necessária a força armada, para defender a pátria, mas que não é a pátria, por isso são os factos que o demonstram, como sucedeu em Silves, localidade onde a Guarda Republicana demonstrou ser a pátria um coque de ouro. Porque o crime está provado foi pago a péso de dinheiro, Joaquim Hortá Nobre também da U. S. O. segue na mesma ordem de ideias, lamentando que em ocasiões destas seja ainda preciso convocar os operários para lavrarem o seu protesto. O que já não sucederia se eles lessem A Batalha em vez de lerem os jornais burgueses. Termina por fazer uma proposta de protesto contra as perseguições à Batalha, que foi aprovado por aclamação.

Augusto das Dóres Sousa lamenta a indiferença do povo trabalhador por estes casos. Eu, diz o orador, só ficaria satisfeito se viesse aqui todo o povo trabalhador desta vila, Termina apelando para que os operários ajudem A Batalha e, freqüentemente mais a miúdo os seus sindicatos.

Joaquim Pereira ataca a acção camuflada, praticada pela guarda, condenando o gesto covarde do chefe dos assassinos, diz que ele só compreendia toda a crueldade do seu crime, se no momento lhe fosse morta alguma pessoa de família. Termina por apresentar um alvitre bastante simpático, que consiste em o operariado do Algarve tomar posse das crianças que ficaram sem o pai. Contribuindo cada operário com uma cota especial, que será enviada mensalmente à mãe das crianças, com o fim único deste dinheiro servir para sustentá-las e educá-las até ao momento que se reconheça que elas já disso não precisam.

Este alvitre foi aprovado por unanimidade, ficando a U. S. O. com o encargo de consultar a organização Algarvia sobre este assunto.

Manuel Teodoro, da secção de propaganda da construção civil, no sul, expôs-se em várias considerações sobre os acontecimentos ocorridos nos Olivais e em Silves, declarando constatar que a pena de morte se encontra restaurada em Portugal sem conhecimento do povo, terminando por protestar, em nome da sua indústria, contra o bárbaro crime.

Em seguida foi lida uma moção da U. S. O. de que passamos a reproduzir as conclusões:

1. Lavar o seu enérgico protesto.
2. Declarar a greve geral em princípio, enviando desde já um telegrama ao Parlamento e um outro ao ministério do Interior; officiar ao juiz de Silves, com a chancela de todos os sindicatos reclamando brevidade no processo de Augusto César da Silva;
3. Instar com o Conselho Jurídico da C. G. T. para que o faça também;
4. Pedir à C. G. T. a preparação dum movimento de protesto nacional para no dia que se reconheça que a audiência não foi feita a verdadeira jus-

ta. Ficou marcado para breve um comício público.

Proletariado de Faro

Comité da U. S. O. local

Em face das violências que ultimamente vêm sendo exercidas sobre o povo faminto, não pode este organismo, iludido representante do proletariado de Faro, ficar indiferente. Assim, convinda não só os trabalhadores, mas todo o povo que sofre as consequências desta sociedade de barbarismos e latrocínios a reunir na próxima terça-feira, pelas 21 horas, na sua sede Social, à Rua da Mota, 30, para uma reunião clara e enérgica, marcar a sua posição de molde a fazer entrar na ordem aqueles que, não contentes com o roubo permanente que vêm exercendo sobre o povo, ainda selvaticamente o fusilam.

Nesta reunião de protesto farão uso da palavra, além de outros oradores o Secretário Geral do S. U. Metalúrgico do Pôrto, um representante dos Ferroviários de Sul e Sueste e o camarada Raúl Duarte, de Lisboa.

Uma sessão de protesto

COIMBRA, 4. — Na reunião do «Comité de Propaganda Sindicalista» foi deliberado efectuar na próxima terça-feira, pelas 18 horas, na Casa dos Trabalhadores, uma grandiosa sessão de protesto contra os assassínios infames dos Olivais e Silves, e ainda censura e apreensão ao jornal operário «A Batalha».

Assim, todos os sindicatos, farão os convites às respectivas classes, outro tanto acontecendo ao comité, que editará um pequeno manifesto-convite a todas as classes organizadas ou não.

O protesto operário

Numa sessão pública há dias realizada pelo sindicato dos trabalhadores Rurais de Cabeço de Vide foi aprovado um

Muito agradecemos a publicação desta nossa carta que, ao menos, servirá para acatular futuras vítimas de Guerras, Pessas, Oliveiras e Ferrões semelhantes.

Reiterando os nossos agradecimentos, subscrevemo-nos de v. etc., pela Academia Recreativa de Brago de Prata — A Direcção.

Quem são os personagens do mandado de despejo na Foz do Douro

Referiu-se há dias o nosso correspondente do Pôrto a um caso de despejo na Foz do Douro, salientando a maneira revoltante com que procederam dois indivíduos de nomes Manuel Soares e Aguiar, que conseguiram mobilizar 24 praças da guarda republicana e uma maca da Cruz Vermelha, a fim de pôr na rua a inquilina Joaquina Braga, na rua da Senhora da Luz.

Acabam de nos informar que esses dois cavalheiros se chamam Manuel de Sousa Soares e Joaquim Aguiar ou José Joaquim Aguiar Albuquerque, e residem juntos em Lisboa na rua de Santo António dos Capuchos, 43.

Estes indivíduos, o segundo dos quais foi em tempos estabelecido com uma ourivesaria na rua da Palma, têm comprado vários prédios na rua de Santo António dos Capuchos, rua Francisco Sanches e rua do Salitre, procurando por todos os processos despedir os inquilinos que não lhes satisfazem as suas exigências que são exorbitantes, para depois alugarem as casas a preços inconcebíveis.

Vê-se que são homens de negócios e o seu fim é explorar infamemente aqueles que lhes caem nas garras, estendendo-se por outras terras do país como se verifica pelo que há dias publicamos.

E raro o inquilino contra quem não exista mandado de despejo feito por tais cavalheiros.

Os prédios que possuem na rua de Santo António dos Capuchos são todos ligados e não se sabe porquê, fizeram abrir portas para comunicarem uns com os outros, tencionando comprar mais naquela artéria.

Já residiram os dois, sempre juntos e vivendo muito intimamente, no prédio que possuem na rua do Salitre, mas, segundo nos informam, por qualquer circunstância escandalosa, a vizinhança obrigou-os a mudar de casa.

No entanto, prosseguem na luta pela vida, explorando os inquilinos, fazendo constantes mandados de despejo, mais ou menos parecidos com os da Foz do Douro, insultam e agredem os que vivem nos seus prédios e provocam escândalos vergonhosos.

São criaturas deste jaez a quem as autoridades se vergem em manifestar prejuízo daqueles que necessitam habitar.

A pessoas honradas, que vivem dum labuta extenuante e mal remunerada, as autoridades privam-nas da liberdade; mas a indivíduos que exploram infamemente os que produzem, as mesmas autoridades não têm dúvidas em fornecer-lhes os meios indispensáveis para mais à vontade poderem roubar.

Trabalhadores Rurais de Cabeço de Vide

No dia 2 do corrente reuniram em sessão pública os trabalhadores rurais de Cabeço de Vide para apreciar as resoluções do comício realizado em Lisboa pela U. S. O. sobre as barbaridades cometidas pelas autoridades, protestando enérgicamente contra a maneira violenta como o comício foi dissolvido.

Nesta sessão foi reconhecida a necessidade de se organizar um forte movimento de acção para que não se repitam casos monstruosos como os de Silves e Olivais, pois a pouca energia dos trabalhadores portugueses tem animado as autoridades a prosseguir nas suas selvagensias.

Resolveram os trabalhadores rurais de Cabeço de Vide secundar qualquer movimento que a C. G. T. inicie contra as injustiças praticadas e também de forma a pôr còbro a que elas persistam.

Classes que reclamam

Reuniu o sindicato da Construção Civil do Seixal que resolveu reclamar dos industriais e dos mestres de obras o aumento de 4 escudos sobre os actuais salários.

Manipuladores de pão

Reunem amanhã, pelas 10 horas, em sessão magna, a fim da comissão de melhoramentos, dar conta das demarches realizadas junto dos industriais.

Os que têm listas em seu poder devem apresentá-las amanhã, a fim do seu produto ser entregues às famílias dos manipuladores que se encontram presos.

Funcionários Municipais

A direcção do Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa, resolveu perfiar, em absoluto, a «Carta aberta», ontem distribuída profusamente, na qual se protesta contra o facto de a actual Câmara pretender discutir e aprovar uma reforma dos serviços pelo qual ficariam para sempre os funcionários como Contratados, quando é certo que a reorganização de serviços aprovada pela edilidade anterior e referendada pelas juntas de freguesia, ainda não foi dada execução, estando por este motivo pendente no respectivo tribunal um processo em que é parte a quasi totalidade do funcionalismo municipal.

Os delegados dos funcionários de todas as Câmaras do país, continuam as suas demarches junto dos «leões» dos vários partidos com representação parlamentar, a fim de que esta classe seja abrangida pelas regalias que venham a conceder-se ao funcionalismo do Estado, conforme o projecto de lei pendente no parlamento. Os referidos delegados pedem a todos os seus colegas da província para se interessarem pessoal e colectivamente pelo assunto junto dos parlamentares das respectivas circunscrições.

Alfredo Angelino, diz que, os atentados ultimamente cometidos e a perseguição à Batalha, constituem um descalço a classe trabalhadora, e os trabalhadores, por sua vez, têm o dever de se preparar para a luta logo que a C. T. ache oportunidade.

Manuel Almeida de Carvalho depois de um vibrante discurso, condena o completo os autores das barbaridades que há tempos a esta parte se tem praticado, apresentando uma moção protestando contra as violências e dando apoio a qualquer movimento que a C. G. T. venha a efectivar.

O Conselho Federal da Federação

Mobiliária, sendo registado o crime de

Coliseu dos Recreios

Hoje — A's 21,45 (9 3/4) — Hoje

5.ª sessão internacional de luta greco-romana

4 RENHIDOS COMBATES 4

Gonçalves (português) contra Terrassier (belga)

Constant Marin (belga) contra Ritzler (alemão)

Van Dem (holandês) contra Samson (americano)

Bastarrica (hespanhol) contra Maudard (francês)

Novos fados e canções

O espectáculo mais barato de Lisboa

Fautuils 6509 Geral 2850

Silves como mais um facto a atestar a falência de todos os regimes que se baseiam na força e supremacia da autoridade, resolveu enviar às vítimas os protestos da sua inteira solidariedade moral.

O conselho federal da Federação Ferroviária, na sua última sessão aprovou a seguinte moção:

«Perante as perseguições de que tem sido vítima o jornal A Batalha, órgão da classe operária, pela sua atitude de independência e de desassombro que tão admiravelmente tem sabido manter, e em face das violências cometidas contra operários agravadas com os bárbaros fusilamentos de Silves, o Conselho Federal resolve saudar A Batalha, protestando contra as violências que aquele jornal tem sofrido, afirmando a sua repulsa e sua condenação por todas as violências cometidas contra operários e a sua condenação por todas as violências cometidas contra operários e em especial pelos fusilamentos de Silves.

O Sindicato dos Operários da Construção Civil de Ponte de Lima protesta enérgicamente contra a apreensão de A Batalha, contra o crime dos Olivais e contra a prisão dos trabalhadores que as autoridades mantêm nas várias masmorras da República.

A Associação dos Trabalhadores Rurais de Ervedal, reunida em assembleia geral, votou uma moção de protesto contra os crimes cometidos pela guarda republicana em Silves, deliberando dar todo o seu apoio moral e material a qualquer movimento que a C. G. T. leve a efeito, indo até à greve geral se tanto for necessário.

MESSINES, 2. — Reuniram as classes organizadas desta localidade para apreciar os tristes acontecimentos de Silves.

A sessão, que esteve bastante concorrida, presidiu Cortes dos Reis, da Construção Civil, tendo como secretário Ramiro da Silva e Alvaro Correa, dos Corticeiros.

Tiveram palavras de revolta contra o que se passou em Silves os camaradas Joaquim Inácio, Pedro Cortes dos Reis, António Pedro Lebre, Ramiro da Silva e Raúl Duarte, pela C. G. T. Este último, em nome do organismo que representa, saudou as classes organizadas desta localidade e fez várias observações sobre os acontecimentos, demonstrando a necessidade absoluta de todos se unirem mais estreitamente para se enfrentarem os nossos inimigos.

Foi resolvido auxiliar as vítimas tanto moral como materialmente, e agendar da central dos sindicatos as resoluções que tomar sobre tão grave assunto.

Trabalhadores Rurais de Cabeço de Vide

No dia 2 do corrente reuniram em sessão pública os trabalhadores rurais de Cabeço de Vide para apreciar as resoluções do comício realizado em Lisboa pela U. S. O. sobre as barbaridades cometidas pelas autoridades, protestando enérgicamente contra a maneira violenta como o comício foi dissolvido.

Nesta sessão foi reconhecida a necessidade de se organizar um forte movimento de acção para que não se repitam casos monstruosos como os de Silves e Olivais, pois a pouca energia dos trabalhadores portugueses tem animado as autoridades a prosseguir nas suas selvagensias.

Resolveram os trabalhadores rurais de Cabeço de Vide secundar qualquer movimento que a C. G. T. inicie contra as injustiças praticadas e também de forma a pôr còbro a que elas persistam.

DEFENDA os seus interesses

Poupe o seu dinheiro comprando todas as suas fazendas para fatos e vestidos só nos depósitos dos fabricantes

Donas, da Covilhã

porque são os únicos que as fabricam e vendem, directamente ao público, por preços baratíssimos.

Depósitos de vendas a retalho

Em Lisboa-R. dos Fanqueiros, 187, 2.º

No Porto-R. Fernandes Tomás, 392-A

Peçam amostras a DONAS & C.ª

Fabricantes de Lanifícios—COVILHÃ

Pelos hospitais civis

Uma medida que leza o público

Se outros afazeres nos não impossibilitassem, todos os dias teríamos que fugitar a sério enorme de extorsões que se praticam; óimas filhas da desenfreada ganância, óimas filhas da negligência dos serviços públicos.

Só o que se passa pelos hospitais civis daria margem a uma campanha vigorosa tendente a concitar as atenções de quem superintende ao assunto, evitando a sua repetição.

O caso que hoje motiva as nossas considerações não é vírgem, pois tem-se verificado algumas vezes.

Entremos, pois, nele.

Todas as vezes que falece nos hospitais um internado é uso avisar-se a família do facto, convidando-a no prazo de 12 horas fazer-lhe o enterro.

Findo este prazo o cadáver baixará a vala comum sem mais formalidades. Se, porém, algum reclamante aparecer fora do prazo convençionalmente sujeita-se a uma multa de 154\$5 se quiser fazer-lhe o enterro. Ora sucede que, com as deficiências dos serviços de correios só por uma sorte o convite chega oportunamente. Daí os reclamantes ficarem sob a responsabilidade de pagarem a multa.

Há dias esse caso tornou-se constatar-se com os parentes de Maria Rita da Conceição, falecida no hospital de D. Estefânia, no dia 27 do pretérito mês, tendo a família só recebido o aviso a 29. dias depois.

O que valeu foram os camalheiros que já tinham avisado a família muito antes desta receber o aviso oficial. Mas mesmo assim não evitou o pagamento da referida multa, a pesar de todos os protestos, aliás muito justos e razoáveis.

Bom será que, quem superintende ao assunto de as necessárias instruções de forma a preservar o público deste inconveniente que tem todo o carácter duma extorsão, feita a qualquer custo, não permitam um tratamento médico em suas casas aos seus parentes.

Comissão pró Manuel R. de Oliveira

A comissão nomeada pelo Sindicato dos Empregados de Escritório para arranjar fundos a fim de se poder fazer face às despesas com o tratamento desta camarada, tem continuado sem interrupção nos seus trabalhos, começando já a chegar-lhe auxílios de várias associações de empregados no comércio da província.

Esta comissão apela mais uma vez para todos os camaradas conscientes, lembrando-lhes o dever de contribuir para este acto de solidariedade.

Os primaciais intérpretes da popular obra do escritor

--- DECOURCELLE ---

Actrizes

Vida Stichini

Esther Leão

Maria Pia

Nelena de Castro

Tereza Gomes

Actores

Luis Pinto

Nibeiro Lopes

Calazans

Samuel Diniz

Carlos de Sousa

Alvaro de Almeida

Joaquim Prata

TEATRO NACIONAL

Esta noite o célebre melodrama

Os Dois Garotos

Scenários Pitorescos

de brilhante efeito

O da ponte de Austerlitz

Vida Sindical

C. G. T.

Comité confederal

Reúne depois de amanhã, pelas 22 horas.

Conselho Confederal

Reúne na próxima quarta-feira, pelas 21 e meia horas, para apreciação de resoluções do congresso da Covilhã.

CONVOCAÇÕES

Federação de Calçado, Couros e Peles. — Reúne na terça-feira o conselho federal, pelas 21 horas.

S. U. C. C. — Reúne hoje, às 19 horas a comissão do salão de festas. Pedese para que ninguém falte devido ao assunto a tratar.

Tanqueiros. — Reúne hoje, pelas 10 horas, a comissão de Inquérito, sendo indispensável a comparencia do secretário geral da Federação.

Manipuladores de pão. — Para tomar conhecimento das últimas demarches da Comissão de Melhoramentos junto dos industriais, é convidada a classe a reunir amanhã, pelas 10 horas, em assembleia magna, sendo de esperar a comparencia de todos os camaradas disponíveis visto ter de tomar-se importantes resoluções.

Quem tenha listas em seu poder deve também prestar contas amanhã, para se não demorar a distribuição do dinheiro obtido, pelas famílias dos camaradas presos.

POLITICA

Governo José Domingues dos Santos

Como ontem previamos o sr. Rodrigues Gaspar, foi pela borda fora, sem ter constituído governo. Uma das razões que explica o seu fracasso está na hostilidade que o sr. Gaspar encontrou dentro do partido a que pertence.

Foi ontem encarregado de constituir governo o sr. José Domingues dos Santos, parecendo que conseguirá reunir o número de indivíduos necessários a dar por completo o elenco ministerial.

Um bom "negócio"

Foi vendida no Alto Estoril parte da «sorte grande» da última loteria. Entre outras pessoas daquela localidade, foi abrangido com a quantia de 15 contos um caixeiro de nome Manuel, empregado na mercearia de Abel Ferreira & C.ª Irmãos. Os patões do caixeiro, a pretexto de que este para comprar o jogo que saiu premiado meteu um «vale» querem que ele reparta, dando-lhes metade, isto é 7.500\$00. O caixeiro negou-se a aceitar tal «bom» «negócio» tendo o caso despertado farta risca no sítio onde todos são unânimes em meter a ridiculo a ganância dos aludidos comerciantes.

Militares mortos na guerra ou doentes por motivo dela

A regedoria da freguezia do Socorro, convida as famílias das praças, do exército e da armada mortas em combate ou que tenham falecido em virtude de ferimentos ou doença adquirida em campanha, a indicarem na sede da mesma regedoria, os nomes e números das praças supramencionadas.

São também convidados a indicarem os seus nomes, números e unidades onde estão colocadas as praças que, tendo adquirido doença em campanha, ainda se encontrem no serviço.

Comissão pró Manuel R. de Oliveira

A comissão nomeada pelo Sindicato dos Empregados de Escritório para arranjar fundos a fim de se poder fazer face às despesas com o tratamento desta camarada, tem continuado sem interrupção nos seus trabalhos, começando já a chegar-lhe auxílios de várias associações de empregados no comércio da província.

Esta comissão apela mais uma vez para todos os camaradas conscientes, lembrando-lhes o dever de contribuir para este acto de solidariedade.

Pela organização

COIMBRA, 5. — Como era de esperar, a reunião dos delegados das diversas classes operárias, a convite do Comité de Propaganda Sindicalista, para iniciar trabalhos tendentes ao levantamento da organização sindicalista, em Coimbra, teve um feliz êxito.

Não compareceram, é certo, todas as classes, mesmo porque algumas estão completamente desorganizadas, — no entanto, a reunião que se efectuou foi alguma coisa. Breve, pois, estamos convencidos, a organização operária desta cidade voltará novamente a marcar. E que o nosso optimismo não falhe.

A pesar de marcada para os 20 horas, a reunião só pelas 21 e 15 teve início. Além do Comité, estavam presentes delegados dos sindicatos de mobiliário, metalúrgico, cerâmico e empregados no comércio.

João Vieira Alves, do Comité, explica a todos os presentes as intenções de trabalho que ao mesmo animam e ainda o fim que se torna necessário alcançar: a formação desta cidade, assim que as diferentes classes estejam organizadas e preparadas, da União dos sindicatos Operários, que sucederá a este comité e se desempenhará da missão para que em matéria de organização foi constituída.

Seguidamente, falaram sobre Lebre, Machado e Elyseu das Neves, dos metalúrgicos, Piteiras de Carvalho e Pinto da Conceição, dos empregados no comércio, Tomás da Silva, dos mobiliários, José da Costa, dos cerâmicos, — sendo todos unânimes em aprovar tudo quando Alves, Freitas, Flores e Constantino, do comité, expuseram.

Seguidamente, falaram sobre Lebre, Machado e Elyseu das Neves, dos metalúrgicos, Piteiras de Carvalho e Pinto da Conceição, dos empregados no comércio, Tomás da Silva, dos mobiliários, José da Costa, dos cerâmicos, — sendo todos unânimes em aprovar tudo quando Alves, Freitas, Flores e Constantino, do comité, expuseram.

Seguidamente, falaram sobre Lebre, Machado e Elyseu das Neves, dos metalúrgicos, Piteiras de Carvalho e Pinto da Conceição, dos empregados no comércio, Tomás da Silva, dos mobiliários, José da Costa, dos cerâmicos, — sendo todos unânimes em aprovar tudo quando Alves, Freitas, Flores e Constantino, do comité, expuseram.

Seguidamente, falaram sobre Lebre, Machado e Elyseu das Neves, dos metalúrgicos, Piteiras de Carvalho e Pinto da Conceição, dos empregados no comércio, Tomás da Silva, dos mobiliários, José da Costa, dos cerâmicos, — sendo todos unânimes em aprovar tudo quando Alves, Freitas, Flores e Constantino, do comité, expuseram.

BRINDE

Aos assinantes da BATALHA

O depósito geral de lanifícios de F. Ribeiro & C.ª Irmãos na Rua dos Fanqueiros, 267, 1.º e 2.º faz descontos especiais, vendendo pelos mais limitados preços os artigos da sua especialidade. Experimentem pedindo amostras.

Secção de ALFAIATARIA

Festa de Solidariedade

Realiza-se hoje pelas 21 horas prefixas no vasto Salão de Festas da Construção Civil, o benefício de Manuel Antunes, que se encontra impossibilitado de angariar meios de subsistência.

Sobe à scena a «Cena dos Pobres», drama social do dr. Campos Lima, e um grandioso acto de variedades, desempenhado por todos os amadores, acompanhados por um excelente Grupo de Bandalhões.

Grande certame de fados pelos melhores cultivadores da canção nacional. Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda na entrada do salão.

SOCIEDADES DE RECREIO

A. R. M. P. Comando Geral de Artilharia. — Realiza-se hoje, promovido pela comissão administrativa, um grandioso baile abrilhantado por um escolhido grupo musical.

Concentração Musical 24 de Agosto. — Hoje há baile.

Agremiações várias

Vendedores Marítimos. — Reúne amanhã a assembleia geral, pelas 13 horas, para eleição de cargos vagos e outros do cargo do aniversário.

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Os preços dos

As Escolas Primárias Superiores

A preparação do seu funeral

Como a nossa atitude neste importante assunto não tem carácter pessoal ou mesmo político, tomado o termo em sentido partidário, pois que se assim fôr, os nossos artigos de nada serviriam, pouco ou nada nos importa que o E. P. S. seja uma criação da República, ou tivesse sido a extinta monarquia quem as desse à luz.

Não entanto, para nós mostramos a ignorância dos factos mais rudimentares da História da Instrução Nacional, sempre dadas que essas escolas, embora baptizadas com outra designação fôrão em parte laboriosas da monarquia, nascendo de facto e vivendo sempre em desassossego contínuo.

Rodrigues Sampaio, na sua democrática reforma da instrução primária de 1878, criou as escolas complementares nas sedes dos concelhos, que eram escolas primárias superiores rudimentares, servindo de transição entre a instrução elementar e os liceus e outras escolas secundárias.

Mas, como acima dizemos, nasceram aleijadas, e como tinham de ser sustentadas pelas câmaras, poucas houve que as quizessem nos seus concelhos.

E naqueles onde elas começaram a funcionar pouco produziram, porque o ensino havia de ser ministrado por um só professor, que o era ao mesmo tempo do curso elementar.

O defeito de origem era de tal ordem que o governo não consentia que o curso complementar fosse separado do elementar.

E tanto assim, que duas câmaras da província, constituídas por verdadeiros democráticos — a do Barreiro e a de Odemira — estabeleceram escolas só complementares, mas o poder central não as deixou funcionar.

Explica-se a razão por quê.

Os professores dessas escolas eram já bastante instruídos, e por isso mesmo a maior parte deles inimigos da monarquia.

Não convinha, por isso, que eles deixassem de ser verdadeiros mestres de meninos, vivendo assim numa situação mais humilde, e por isso com menos vantagens para fazer propaganda de-

A BATALHA NA COVILHÃ

NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

Sobre a transferência do Albergue para a Escola Industrial, fala à «A Batalha» uma personalidade em destaque no nosso meio social

COVILHÃ — A propósito deste importante assunto que traz alarmadas todas as classes laboriosas deste centro de produção e sobre o qual O Trabalho e a Batalha vêm exercendo uma campanha tenaz contra o mau procedimento da vereação da Câmara Municipal, existem duas opiniões: uma é a consciência bem formada que quer evitar um monstruoso crime, a outra, a mais ridícula, é a daqueles que concorram com as resoluções da mesma, ou sejam os adeptos — democráticos...

Para evitar confusões, para que não digam que somos nós, os mineiros, vamos reproduzir ao papel uma conversa que tivemos com uma personalidade, que se afirma independente e muito conhecida no nosso meio.

Após os cumprimentos da praxe, fizemos sentir ao que fomos — que nos desse uma opinião sobre o caso da transferência do Albergue para o edifício da escola industrial.

Pouco ou nada poderíamos dizer-lhes sobre tão importante assunto, porque o que me pede já v. o. relatou em A Batalha, e O Trabalho também já desatamboradamente deu o seu grito de alerta — responde-nos o nosso interlocutor, pesada seria e por quem temos a máxima consideração.

— O que nós já dissemos em A Batalha é a opinião das classes produtoras organizadas — respondemos-lhe.

— Pois é essa também a minha opinião e creio que a de todo o cidadão honrado. E se amanhã o nosso movimento, que é de todo o ponto justo, for posto em prática, ter-me-ia também a vossa lado, não lutando como vós, pois bem vides... (Querida referência à sua posição como indivíduo categorizado).

Atalhámos: — Olha V. Ex. estas minhas palavras humildes e diga-me se é justo o que vos dizer-lhes. Como se de seu conhecimento que a actual vereação municipal está ilegalmente constituída, também deve conhecer melhor do que eu as suas obras...

Interrompendo-nos, o nosso interlocutor advinha o que vamos dizer e pede-nos que basta... E agora afirma e diz: — Conheço isso tudo, tenho acompanhado de perto as obras da referida vereação. Já advinhava o que v. me vinha dizer e por isso pedi-lhe que não conti-

A VOZ DA CADEIA

Donativos recebidos

Do camarada Domingos Pinto recebemos 6330 importância esta que o camarada Raúl Soares não quis receber como pagamento da despesa que fez com uma passagem à Colónia Penal de Sintra.

Também do Sindicato Ferroviário da C. P. recebemos 50800 quantia com que este sindicato deliberou contribuir para custear as despesas da campanha pró-abolição.

Tôja a correspondência e auxílio destinado aos presos sociais do Limoeiro e Monsanto deve ser dirigida a Manuel Viegas, Carrasçal, Grupo B, Limoeiro — Lisboa.

CORREIO DOS PRESOS: A Comunidade. — Porto. — Os jornais que enviaram chegam. Não são precisos mais.

Manuel Ramos. — Coimbra. — Temos em nosso poder 6370 parte que te pertence da distribuição do dinheiro da Comissão Pró-Presos em 29-6-924.

Miguel Cruz. — Para assunto urgente de inadiável resolução deve vir a esta cadeia hoje sem falta.

Lêr 2.ª feira o Suplemento de A BATALHA

DESPORTOS

Festival desportivo Realiza-se hoje no campo do Sporting Club de Portugal uma festa desportiva a favor do «raid» Lisboa-Macau, cujo programa se compõe dum desafio de futebol entre o grupo do Banco Ultramarino e um grupo interbancário e várias provas atléticas, entre elas corridas de 100 e 1500 metros e barreiras, luta de tracção e saltos.

Para a luta de tracção, entre turmas representativas de várias repartições do Banco Nacional Ultramarino, é posta em disputa uma taça de prata.

A organização da festa deve-se a uma comissão de empregados do B. N. U.

Desafios particulares No Campo da Estrangeira jogam hoje as 17,30 um desafio de futebol os primeiros grupos do Grupo Foot-Ball Nacional e do Estrangeiro Foot-Ball Club.

O Sport Lisboa e Benfica jogam hoje no Cartaxo um desafio de futebol.

Torneio de luta Os encontros de hoje são os seguintes: O espanhol Bastarrica (estreia) contra Mangarde, Ferrassier contra Manuel Gonçalves, o colosso americano Samson contra Van Dem e o alemão Ritzler contra o valente belga Saint Mars.

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE JULHO

D.	6	13	20	27	HOJE O SOL
S.	7	14	21	28	Aparece às 5,18
T.	8	15	22	29	Desaparece às 20,04
Q.	9	16	23	30	FASES DA LUA
Q.	3	10	17	24	L. C. da 2.ª 5,18
S.	4	11	18	25	L. N. 3.ª 11,63
S.	5	12	19	26	L. M. 4.ª 16,18
					L. P. 5.ª 23,16

MARÉS DE HOJE
Praamar às 5,24 e às 5,44
Baixamar às 10,54 e às 11,14

CAMBIO

Países	Moedas	Ao par	Compt.	Venda
Alemanha	Marcos	4225	—	—
Austria	Corões	119,8	11990	1630
Belgíca	Francos	117,8	41960	4400
Espanha	Pesetas	162,1	36450	3500
E. U. A.	Dólares	117,8	11630	1420
Francia	Francos	117,8	32530	3400
Holanda	Florins	4650	170400	175000
Inglaterra	Libras	117,8	16310	1650
Italia	Liras	117,8	43500	4500

MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos	Dias
«San Miguel», portos do Funchal...	8
«Sierra Nevada», Boulogne, Bremen	10
«Beira», para os portos da Africa Oriental...	11
«Arianas», portos do Brasil e Argentina...	16
«Gelria», Leixões, Vigo, Cherburgo, Southampton e Amsterdam...	17
«Duros», portos do Brasil e Argentina...	20
«Zeelandia», Leixões, Vigo, Cherburgo, Southampton e Amsterdam...	23
«Avons», portos do Brasil e Argentina...	26
«Usakuma», Southampton, Rotterdam e Hamburgo...	30

Fadiga geral e nervosa

CRESCIMENTO e ANEMIA

Cura-se rapidamente com o esplêndido medicamento de surnabene

POLIFOSFOGÊNICO

A' venda nas principais farmácias e no depósito geral:

Calçada de Santo André, 16

Grande 'complot'

Meia Lisboa reúne na ALFAIATARIA MODELO, Lda. na rua 1.ª de Dezembro, 15 e 17, para fazer fatos no rigor da moda, pois à testa do corte está um dos sócios, que bastante conhecedor do «métier» soube conquistar uma grande clientela.

Uma visita a esta casa impõe-se.

Dentes artificiais a 25000 — Obtenção a 25000 — Extrações sem dor a 15000 Das 11 às 13 no consultório de MARIO MACHADO da Escola Dentária de Paris Chiado, 74, 1.ª Tel. C. 418

LTMAS

UNIAO

MARCA REGISTRADA

TEATROS & CINEMAS

CARTAZ

S. CARLOS — A's 21,30 — «A Verdade».

S. LUIS — A's 21,30 — «A Verdade».

NACIONAL — A's 21 — «Os dois garotos».

TRINDADE — A's 21 — «A Labareda».

POLITEAMA — A's 21,30 — «O fiel amigo».

EDEN THEATRO — A's 21,30 — «Luz Nova».

COLISEU DOS RECREIOS — A's 21,15 — Grande torneio de luta.

CIRCO DE VARIEDADES (Feira do Parque Eduardo VII) — A's 21,30 — Companhia Cardinall.

GIL VICENTE — A's 21 — «Dois Sargentos».

OLIMPIA — A's 21,30 — Animatógrafo.

SALAO POZ — A's 14,30 e 20,30 — Variedades.

CHIADO TERRASSE — A's 14,30 e 20,30 — Animatógrafo.

CONDES (Avenida) — Animatógrafo.

CENTRAL (Avenida) — Animatógrafo.

CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatógrafo.

IDEAL (Loreto) — Animatógrafo.

CINE ESPERANCA — Animatógrafo.

ROSSIO (Arco da Ribeira) — Animatógrafo.

CHANTECLAIR (Praça dos Restauradores) — Fitas faladas.

AVENIDA PARQUE — (Antigo Parque Mayer) — Recreios e diversões. Concertos de «Jazz-Band».

PROMOTORA (Largo do Calvari) — Animatógrafo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alito) — Animatógrafo.

Reclames

— Os dois garotos «continua», no Nacional, a merecer entusiásticos aplausos do público. As encenções sucedem-se todas as noites.

Todos os intérpretes desempenham os seus papéis com agrado, destacando-se Ilda Stichin, Ester Leão, Ribeiro Lopes e Luis Pinto. No Nacional não há locação, portanto os bilhetes podem ser adquiridos durante o dia.

«A Verdade» repete-se hoje, em S. Carlos, e para maior comodidade do público, em adquirir os bilhetes estes serão vendidos, mesmo durante o dia, sem locação.

— Hoje, no Eden, em espectáculo inteiro, e a preços populares repete-se a

COLUNA ESPERANTISTA

O Serviço de Informação Internacional da «Nova Vojo» está apto a colher todos os informes que lhe sejam solicitados

Um dos Secretários do Curso Prático da Nova Vojo, mais importantes pelo alcance dos seus objectivos é o Informeserv, o serviço de informação. A sua recente criação obedece a uma antiga aspiração dos militantes esperantistas concededores da extrema facilidade de obter informações directas do movimento operário de todo o mundo nos seus mais pequenos detalhes. Tem a falta de camaradas experientes obstado que se efective essa aspiração; agora, porém, que um número apreciable de esperantistas se reuniu, logo se estudou a maneira de instalar esses serviços, podendo anunciar-se neste momento o começo da sua acção.

Mas, não só o facto de haver mais esperantistas facilitou a criação do Informeserv. E' que também representa um poderoso auxílio a existência da Sennacieca Asocio Tutmonda. Este organismo proleário, cuja existência começa preocupando os governos da Europa, que, como na Hungria e na Roménia, proíbem a entrada do órgão da qualidade da desesperada persistência em mentir que se observa na imprensa burguesa.

Este movimento prático de protesto contra as informações tendenciosas encontrou eco entre nós. Resta que a organização operária, a quem nos vamos em breve dirigir, secunde a nossa acção, correspondendo ao desejo que nos anima de dotar a organização com todas as informações de carácter internacional que habilitem a agir eficazmente no sentido da emancipação dos trabalhadores. — J. A.

— Ai de mim! Essa é a pura da verdade...; bem miserável é a nossa vida.

— Eu, Ronan o Vagro, digo-lhes: aqui têm roupa, fazendas, fatos, cobertores, colchões, sacos de trigo, ordres cheios, provisões de todo o género. Dai, meus Vagros...; dai, pequena Odilla, a essa boa gente...; dai formosa bispia na Vagraria...; dai a essas pobres mulheres, a essas pobres crianças...; dai mais, dai sempre!

— Tomem... tomem, minhas irmãs, dizia a bispia com os olhos cheios de pranto, ajudando os Vagros a distribuir aquele espólio de sua casa, e de que ela não tinha pena; aqui têm, minhas irmãs! Escrava também, mais do que vocês talvez, tenho sonhado debaixo destas tapeçarias com o amor e com a liberdade; hoje estou livre e namorada! tomem, minhas irmãs...; aqui têm mais...

— Aqui têm...; tomem, queridas mulheres, e que seus filhos nunca lhes sejam roubados! dizia Odilla ajudando também a distribuir o espólio. E limpava os olhos, dizendo: como Ronan o Vagro é bom para os pobres!

— Deus vos abençoe... Deus vos abençoe, exclamavam aquelas pobres criaturas chorando de alegria; vale mais encontrar um Vagro do que um conde ou um bispo.

E causava prazer o frenesi com que aqueles arrojados Vagros, encarrapitados nos carros, distribuíam o que tinham tirado ao mau e lascivo bispo; era um prazer ver as caras sempre tristonhas, sempre taciturnas daquelas mulheres infelizes desenrugarem-se, congratulando-se entre si de uma pechinha inesperada. Olhavam embasbacadas, maravilhadas, surpreendidas para este montão de objectos de toda a sorte, até então quasi desconhecidos à selvagem miséria em que viviam; as crianças, mais impacientes, às duas, às três ou às quatro, puxavam por um colchão para o transportarem para os seus albergues, ou tinham em querer levantar um grande e pesado fardo de pano de linho; mas de repente uma voz encolerizada e amea-

çadora, verdadeiro desmancha-prazeres, aterrou e gelou de espanto aquela pobre gente.

— Maldição sobre todos! condenação dos céus! se se atrevem a tocar com mão sacrilega nos bens da igreja...; tremam...; é pecado mortal...; vocês, seus maridos e seus filhos serão entregues às chamas do inferno por toda a eternidade...

Era o bispo Cautin quem dizia isto, a pesar das observações do eremita lavrador.

— Oh! nós não podemos não em coisa alguma de aquilo que se nos dá, nosso bispo, respondiam as mulheres e as crianças contritas e tremendo como varas verdes; não podemos não nestes bens da igreja.

— Meus Vagros, disse Ronan, enfornecem o bispo...; mais tarde encontraremos outro cozinheiro...

Já se apoderavam do santo homem, mais pálido, mais trémulo do que as mais trémulas das pobres mulheres há pouco tão alegres, quando o frade interveiu de novo e livrou Cautin.

— O eremita! exclamaram os escravos, o eremita lavrador...

— Abençoado sejas tu, amigo dos aflitos...

Abençoado sejas tu, amigo das crianças que te amamos assim como tuas mãas...

E todas aquelas mãos infantis se agarraram ao hábito do eremita, que dizia com voz meiga e penetrante: — Queridas mulheres, queridas crianças, tomai o que se vos dá sem receio... Maldito seja o rico, quando não reparte o seu pão com quem tem fome, e o seu manto com quem tem frio. O bispo queria experimentá-los: ele dá-lhes estes bens.

— Abençoado sejas tu, santo bispo! disseram as mulheres erguendo as mãos reconhecidas para Cautin, abençoado sejas tu bom pai, pelos teus generosos donativos!

— Eu não dou coisa alguma! exclamou Cautin obrigam-me; roubam-me, e vocês arderão eternamente no inferno se dão crédito a este eremita apostata!

A maior parte das mulheres encaramaram indecisas Ronan, o bispo e o eremita; alternativamente aproxi-

mavam e retiravam as mãos daqueles objectos tão preciosos para a sua miséria; duas ou três velhas afastaram-se daqueles bens da igreja, e puzeram-se de joelhos, murmurando assustadas:

— Santo bispo Cautin, perdoa-nos o pensamento que tivemos de tamanho pecado...

— Nada temem, minhas irmãs, replicou o eremita, o seu bispo torna a experimentá-las... Estes seus supérfluos éle lhos dá na qualidade de irmão; sabe que o Senhor amando as criaturas, não quer que elas andem nuas e tirando de frio...; umas suando com o peso inútil de vinte vestidos...; outras esfomeadas...; aquelas fartas... Não temam pelo seu bispo nem a fome nem o frio...; reparem que o vestuário dele é novo, os seus sapatos também; que mais lhe é preciso?... Poderia ele sózinho servir-se de tanto farto? beber tintas e outras provisões?... Não, não...; aceitem minhas irmãs, aceitem queridas irmãs, aceitem queridas crianças... o seu bispo reparte consigo.

Muitas daquelas infelizes, persuadidas pelas palavras do eremita e também pela dureza da sua miséria, começaram a levar diligentemente para as suas choças, ajudadas dos filhos, os bens da igreja: as três velhas não se atreveram a tocar neles, ficando de joelhos e batendo no peito.

— Queridas filhas, perseverem no seu santo horror pelo sacrilégio! exclamou o bispo, a pesar das ameaças de Ronan; irão para o paraíso ouvir eternamente os serafins tocar tiorba e cantar os louvores do Senhor!

— Meus Vagros, disse Ronan, peguem numa corda e dependurem imediatamente o bispo que quer ser enforcado...

O eremita suspendeu com um gesto a colera dos Vagros, e disse: — Bispo, não reconheces tu como divinas as palavras de Jesus de Nazaré?

— Jesus de Nazaré disse isto, replicou o eremita: «Se vos tomarem a capa correi atrás daquele que vo-la tirou; e dai-lhe mais a vossa túnica». O que queria di-

6-7-1924

Os Mistérios do Povo

N.º 189

